TRADUÇÃO

LÊNIN NA INGLATERRA*

MarioTronti

(Traduzido por Homero Santiago)[1]

Uma nova época da luta de classe está para abrir-se. Os operários a impuseram aos capitalistas com a violência objetiva da sua força de fábrica organizada. O equilíbrio do poder parece sólido; a relação das forças é desfavorável. No entanto, lá onde mais potente é o domínio do capital, mais profunda se insinua a ameaça operária. É fácil não ver. É preciso olhar ao longe e em profundidade a situação de classe da classe operária. A sociedade capitalista tem as suas leis de desenvolvimento: os economistas as inventaram, os governantes as aplicaram e os operários as sofreram. Mas as leis de desenvolvimento da classe operária, quem as descobrirá? O capital tem a sua história e os seus historiadores a escrevem. Mas a história da classe operária, quem a escreverá? Muitas são as formas de domínio político da exploração capitalista. Mas como se chegará à próxima forma de ditadura dos operários, organizados em classe dominante? É preciso trabalhar com paciência, no cerne, desde o interior, sobre esse explosivo material social.

Nós também vimos primeiro o desenvolvimento capitalista, depois as lutas operárias. É um erro. Cumpre inverter o problema, mudar o sinal, recomeçar do princípio: e o princípio é a luta de classe operária. Ao nível do capital socialmente desenvolvido, o desenvolvimento capitalista é subordinado às lutas operárias, vem depois delas e a elas deve fazer corresponder o mecanismo político da própria produção. Não é uma tirada retórica nem serve para retomar confiança. É verdade: é urgente hoje deixar para trás esse ar de derrota operária que atravanca há decênios aquele que nasceu como o único movimento revolucionário, não só de nossa época. Mas uma urgência prática não é nunca suficiente para sustentar uma tese científica: esta deve ficar de pé com as próprias pernas sobre um emaranhado de fatos materiais. Então todos estão na obrigação de saber que ao menos desde aquele junho de 1848, mil vezes amaldiçoado pelos burgueses, os operários subiram ao palco e não mais o abandonaram: escolheram voluntariamente, a cada vez, apresentar-se em papéis diversos, como atores,

---

* O texto apareceu primeiramente em *Classe operaia*, nº 1, janeiro de 1964, e foi depois recolhido em *Operai e capitale*, Turim, Einaudi, 1966.

[1] Professor do departamento de Filosofia da USP. Email: homero@usp.br.

como pontos, como técnicos, como trabalhadores, à espera de descer à plateia para agredir os espectadores. Como se apresentam hoje, sobre os palcos modernos?

O ponto de partida do novo discurso nos diz que, no nível nacional e internacional, a atual particular situação política da classe operária guia e impõe um certo tipo de desenvolvimento do capital. Trata-se de recompreender à luz desse princípio a inteira rede mundial das relações sociais. Tomemos desta o dado material fundamental, e este é a recomposição de um mercado mundial como processo macroscopicamente em curso desde o momento em que foi eliminado o estrangulamento stalinista do desenvolvimento. Seria fácil achar uma explicação economicista e pôr-se a reconsiderar matematicamente o problema dos mercados na produção capitalista. Mas o ponto de vista operário busca uma explicação política. Mercado único mundial significa *hoje* controle em nível internacional da força-trabalho social. A produção de mercadorias pode organizar-se, com penar, numa zona também restrita de livre troca. Os movimentos da classe operária, não. A força-trabalho operária nasce já historicamente homogênea no plano internacional e obriga o capital — no interior de um longo período histórico — a tornar-se da mesma forma homogêneo. E hoje é de fato *a unidade de movimento* da classe operária em nível mundial que impõe ao capital uma rápida recuperação de uma resposta unitária sua.

Mas essa unidade nos movimentos da classe operária, como é possível colhê-la? Os níveis institucionais do movimento operário dividem tudo; as estruturas capitalistas unificam tudo, mas em seu próprio e exclusivo interesse. Nem pode submeter-se à verificação empírica um ato de luta política. O único modo para verificar essa unidade é passar a organizá-la. Então se descobrirá que a nova forma da unidade de classe está toda implícita nas novas formas de luta operária e que o novo terreno destas é em nível de capital social internacional. Nesse nível, a situação política operária nunca foi tão clara: onde quer que historicamente se concentre uma massa social de força-trabalho industrial, torna-se possível descobrir a olho nu as mesmas atitudes coletivas, as mesmas escolhas práticas de fundo, um tipo único de crescimento político. Não colaboração programática, passividade organizada, espera polêmica, recusa política, continuidade de lutas permanentes, são as formas históricas específicas em que se generaliza hoje a luta de classe operária. Formas transitórias de uma situação transitória, quando os operários se encontram socialmente já além das velhas organizações e ainda aquém de uma organização nova: de fato, sem organização política nem reformista nem revolucionária. É preciso colher a fundo e entender nos resultados esse período de interregno da história operária: as consequências políticas serão decisivas.

Não por acaso, como primeira consequência, encontramos uma dificuldade: a de colher os movimentos materiais da classe na falta dos correspondentes níveis institucionais, ou seja, do nível em que normalmente se exprime a consciência de classe. Daí, superior e mais abstrato esforço teórico que nos cabe pedir, mas ao mesmo tempo também a sua mais clara funcionalidade prática, que nos aferra à análise da classe operária independentemente

do movimento operário. E como segunda consequência, encontramos contradições e aparentes incertezas nos movimentos da classe. Se a classe operária possuísse uma organização política revolucionária é claro que buscaria a instrumentalizar onde quer que fosse o ponto mais alto do reformismo capitalista. O processo de composição unitária do capital no nível internacional pode tornar-se a base material de recomposição política da classe operária, e nesse sentido momento estratégico positivo para a revolução, só se se acompanha de um crescimento revolucionário não só da classe, mas da organização de classe. Na ausência desse elemento, o inteiro processo vive em função do capital, momento tático de unilateral estabilização do sistema e de aparente integração, no seu interior, da classe operária em quanto tal. A operação histórica do capitalismo italiano, o acordo político orgânico entre católicos e socialistas, pode realmente reabrir um modelo clássico de processo revolucionário, chegar-se-á a restituir aos operários italianos um partido operário, enfim obrigado a opor-se diretamente ao sistema capitalista, na fase de desenvolvimento democrático da sua ditadura de classe. Sem essa legítima restituição, mais sólido tornar-se-á provisoriamente o domínio da exploração capitalista e os operários serão obrigados a buscar outras vias para a sua revolução. Se é verdade de fato que a classe operária impõe objetivamente escolhas precisas ao capital, é verdade também que o capital completa depois essas escolhas em função antioperária. O capital, neste momento, é mais organizado que a classe operária: as escolhas que esta impõe ao capital arriscam reforçá-lo. Daí, *o interesse imediato* da classe operária em contrastar essas escolhas.

A perspectiva estratégica operária é hoje límpida a ponto de fazer pensar que começa a viver só agora a estação da sua esplêndida maturidade. Descobriu ou redescobriu o verdadeiro segredo que condenará à morte violenta o seu inimigo de classe: a capacidade política de habilmente impor o reformismo ao capital e rudemente utilizá-lo para a revolução operária. Mas a presente posição tática da classe operária – classe sem organização de classe – é e deve ser necessariamente menos clara e, digamos mesmo, mais sutilmente ambígua. É obrigada a utilizar ainda as contradições que põem em crise o reformismo capitalista, a exasperar os elementos que servem de freio ao seu processo de desenvolvimento, porque sabe, sente que deixar caminho livre à operação reformista do capital em ausência de uma organização política de classe dos operários é o fechamento, por um longo período, do inteiro processo revolucionário, como seria a sua imediata abertura em presença dessa organização. Assim os dois reformismos, do capital e do movimento operário, por certo deveriam efetivamente encontrar-se, mas por iniciativa diretamente operária; quando a iniciativa, como hoje, é toda capitalista, o interesse operário imediato é de manter-lhes divididos. É justo também taticamente que se encontrem quando atrás da classe operária já há não apenas experiências de luta, mas de luta revolucionária e, no interior desta, modelos de organização alternativa. Então o encontro histórico do reformismo capitalista com o reformismo do movimento operário assinalará verdadeiramente a abertura do processo

revolucionário. A situação de hoje não é essa: prepara essa e a precede. Daí, da parte operária, o apoio estratégico ao desenvolvimento em geral do capital e a oposição tática aos modos particulares desse desenvolvimento. Tática e estratégia hoje, na classe operária, se contradizem.

Ou seja, contradizem-se o momento político da tática e o momento teórico da estratégia, numa relação complexa e muito mediada entre organização revolucionária e ciência operária. No plano teórico, o ponto de vista operário hoje não deve ter limites, não deve pôr-se barreiras, deve saltar avante, superando e negando todas as provas dos fatos que lhe venham continuamente pedidas pela velhacaria intelectual do pequeno-burguês. Para o pensamento operário voltou o momento da descoberta. O tempo da arrumação, da repetição, da vulgaridade elevada a discurso sistemático, está definitivamente fechado: o que novamente é necessário, desde o início, é uma férrea lógica parcial, coragem empenhada para si e desinteressada ironia para com os outros. O erro a evitar é confundir tudo isso com um programa político; a tentação a combater é levar imediatamente essa atitude teórica à luta política, luta articulada sobre a base de precisas indicações de conteúdo, que em alguns casos chegam justamente a contradizer a forma das asserções teóricas. A resposta prática a problemas práticos, de luta imediata, de organização imediata, de imediata intervenção numa situação de classe, em nível operário, tudo isso vai antes de tudo medido pelas necessidades (*bisogni*) objetivas de desenvolvimento do movimento e só em segunda instância verificado na linha geral que subjetivamente o impõe ao inimigo de classe.

Mas a dissociação entre teoria e política é só a consequência da contradição entre estratégia e tática. Uma e outra encontram a sua base material no processo ainda lentamente em ato de divisão primeiro e de contraposição depois entre classe e organizações históricas da classe, entre "classe operária" e "movimento operário". O que quer dizer esse discurso concretamente e aonde quer chegar? É bom dizer logo claramente que o objetivo a alcançar é a firme recomposição de uma relação politicamente correta entre os dois momentos: nenhuma divisão entre eles é a teorizar, nenhuma contraposição, em nenhum ponto, nem sequer provisoriamente é a praticar. Se uma parte do movimento operário reencontrará a via da revolução sinalada pela própria classe, o processo de reunificação será mais rápido, mais fácil, direto e seguro; no caso contrário, o mesmo processo será de mesma forma seguro, mas menos claro, menos decidido, mais longo, mais dramático. É fácil ver a obra de mistificação que as velhas organizações fazem das novas lutas operárias. Mais difícil colher a contínua, consciente instrumentalização operária daquilo que aparece ainda ao capitalista como o movimento dos operários organizados.

Em particular: a classe operária abandonou nas mãos das suas organizações tradicionais todos os problemas de tática, para reservar-se uma autônoma visão estratégica, livre de impedimentos e sem compromissos. De novo com esse resultado provisório: uma estratégia revolucionária e uma tática reformista. Ainda que pareça, como é frequente,

exatamente o contrário. Parece que os operários estão agora na perspectiva de acordo com o sistema e só ocasionalmente em fricção com ele: mas é a aparência "burguesa" da relação social capitalista. A verdade é que até as escaramuças sindicais são politicamente para os operários exercitações acadêmicas na sua luta pelo poder: e como tais assumem-nas, utilizam-nas, e assim utilizadas, presenteiam-nas ao patrão. É verdade que vive ainda no nível operário a tese marxista clássica: ao sindicato o momento tático, ao partido o momento estratégico. Por isso mesmo, se existe ainda um liame entre classe operária e sindicato, o mesmo liame não existe mais entre classe operária e partido. Daí, a liberação da perspectiva estratégica relativamente às tarefas organizativas imediatas, a cisão transitória entre luta de classe e organização de classe, entre momento permanente da luta e formas organizativas provisórias, consequência de um falimento histórico do reformismo socialista e premissa de um desenvolvimento político da revolução operária.

É em torno a esse mecanismo de desenvolvimento não mais do capitalismo mas da revolução que deve ser violentamente atraída a atenção da pesquisa teórica e do lavoro prático. Não existem modelos. A história das experiências passadas nos é útil para disso nos liberarmos. Devemos confiar tudo a um novo tipo de previsão científica. Sabemos que o inteiro processo de desenvolvimento materialmente encarna-se no novo nível das lutas operárias. O ponto de partida está portanto na descoberta de certas formas de luta dos operários que provocam um certo tipo de desenvolvimento capitalista que vai na direção da revolução. Daí passar a articular na base essas experiências, escolhendo subjetivamente os pontos nevrálgicos em que é possível golpear a relação de produção capitalista. E sobre essa base, experimentando e reexperimentando, repropor o problema de como fazer corresponder de modo permanente uma organização nova a essas novas lutas. Então talvez se descobrirá que "milagres de organização" já aconteceram e acontecem sempre no interior dessas lutas miraculosas da classe operária, que ninguém conhece, que ninguém quer conhecer, mas que sozinhas fizeram e fazem mais história revolucionária que todas as revoluções de todos os povos coloniais juntas.

Mas esse trabalho prático, articulado na base de fábrica, para funcionar sobre o terreno da relação social de produção, precisa ser continuamente julgado e mediado por um nível político que o generaliza. É em torno a esse nível político de tipo novo que cabe pesquisar e organizar uma nova forma de jornal operário: o qual não deve imediatamente repetir e refletir todas as experiências particulares, mas deve justamente concentrá-las num discurso político geral. O jornal é nesse sentido o ponto do controle, ou melhor, do autocontrole, sobre a validez estratégica de cada experiência de luta. O procedimento formal da verificação deve ser nitidamente invertido. É o discurso político que deve verificar a correção das experiências particulares: e não o inverso. Porque o discurso político é, sobre essa base, o ponto de vista total da classe e portanto o verdadeiro dado material é o processo real mesmo. E é fácil ver como nos distanciamos, por essa via, da própria concepção leninista

do jornal operário: que era organizador coletivo sobre a base ou na previsão de uma organização bolchevista da classe e do partido. Objetivos para nós improponíveis na fase atual da luta de classe: quando é preciso partir à descoberta de uma organização política não de avançadas vanguardas, mas de toda aquela inteira massa social compacta que se tornou, no período da sua alta maturidade histórica, a classe operária: justo por essas características a única força revolucionária, que controla, ameaçadora e terrível, a ordem presente.

Nós o sabemos. E antes de nós o sabia Lênin. E antes de Lênin, Marx havia descoberto, na sua própria experiência humana, que o ponto mais difícil é a passagem à organização. A continuidade da luta é simples: os operários precisam só de si mesmos e do patrão em face de si mesmos. Mas a continuidade da organização é coisa rara e complexa: assim que se institucionaliza numa forma é imediatamente utilizada pelo capitalismo, ou pelo movimento operário por conta do capitalismo. Daí, a rapidez com que passivamente os operários recusam formas organizativas que acabaram de conquistar. E com a luta permanente no nível de fábrica, em formas sempre novas que só a fantasia intelectual do trabalho produtivo consegue descobrir, substituem o vazio burocrático de uma organização política geral. Sem que se torne geral uma organização política diretamente operária, não se abrirá o processo revolucionário: os operários o sabem e por isso vocês não os encontrarão dispostos hoje a cantar, nas igrejas de partido, as litanias democráticas da revolução. A realidade da classe operária está ligada de modo definitivo ao nome de Marx. A necessidade da sua organização política está de modo igualmente definitivo ligada ao nome de Lênin. A estratégia leninista, com um golpe magistral, levou Marx a Petersburgo: só o ponto de vista operário podia ser capaz de semelhante audácia revolucionária. Experimentemos fazer o caminho inverso, com o mesmo espírito científico de aventurosa descoberta política. Lênin na Inglaterra é a pesquisa de uma nova prática marxista do partido operário: o tema da luta e da organização no mais alto nível de desenvolvimento político da classe operária. A esse nível, vale a pena convencer Marx a repercorrer "a misteriosa curva da reta de Lênin".

Janeiro de 1964